

# A IMPORTÂNCIA DA DISCUSSÃO DE PAPÉIS DE GÊNERO EM SALA DE AULA

Bruna da Silva Gusmão Fonseca

## INTRODUÇÃO

A imposição de papéis sociais de gênero para meninos e meninas começa muito cedo, por meio de expectativas comportamentais nocivas e irrealistas. Isso acontece devido ao sistema hierárquico de gênero no qual nossa sociedade se fundamenta. A estipulação de papéis sociais de gênero para crianças acontece a partir da determinação de seu sexo – algo que muitas vezes é realizado durante o processo de gestação. A partir dessa determinação, conclui-se: azul para meninos e rosa para meninas. Deste padrão inicial, que parece muito inocente a princípio, a estrutura hierárquica é instituída, e suas limitações tornam-se cada vez mais complexas e arraigadas – o que antes era uma preferência coletiva por certas cores e brinquedos, transforma-se em um fenômeno sistemático de opressão nas esferas econômica, social e cultural – e a esse processo damos o nome de “socialização”.

Para aprofundar o assunto, é importante lembrar as definições de alguns termos, como “sexo” e “gênero”. Quando mencionamos diferenças sexuais, abordamos diferenças biológicas – hormonais e genitais. Já quando mencionamos gênero e seus desdobramentos, referimo-nos a um sistema de poder e opressão, causado pelo estabelecimento de papéis sociais predeterminados – baseados nas diferenças sexuais entre indivíduos.

Por meio desta visão sociocultural, podemos compreender a frase de Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo*: “ninguém nasce mulher; torna-se mulher”. Pode-se afirmar, então, que indivíduos nascem divididos entre machos e fêmeas e sua identidade é construída socialmente – apenas mais uma das intervenções humanas em sua realidade. Nota-se a recorrente humanização de fenômenos naturais, visto que a linha é tênue entre o que é advindo da natureza e o que é resultado das transformações causadas por processos socioculturais; portanto, é crucial atentar-se ao caminho inverso: a naturalização desses processos socioculturais.

Quando reafirmamos que características ditas femininas, como serviços domésticos, delicadeza e feminilidade, são naturais, estamos naturalizando o papel criado artificialmente para indivíduos do sexo feminino e contribuindo para a

propagação da ideia de que mulheres são naturalmente destinadas a determinadas tarefas e incapazes de executar outras com a mesma competência e sucesso em comparação aos indivíduos do sexo masculino. Sendo assim, a discussão de papéis de gênero no ambiente escolar é de extrema importância para que meninas tenham a oportunidade de lutar contra os estereótipos limitadores de gênero que influenciam seu sucesso acadêmico.

É preciso considerar que a conquista da educação feminina está atrelada à revolução sexual e à libertação da mulher; como aponta a escritora feminista estadunidense, Kate Millet:

Como acontece com a libertação de qualquer grupo há muito oprimido, a prioridade foi dada à educação. Visto que as sugestões liberais de Platão na sua *República* nunca tinham sido seguidas, foi durante o Renascimento que se aplicaram as primeiras teorias relativas à educação das mulheres. A obra *Delia Famiglia*, de Alberti, é representativa destas tendências. Mas a instrução mínima que ele preconiza tem unicamente por objetivo uma docilidade estática e cômoda. As suas teorias apresentam algumas semelhanças com o plano de apaziguamento mental que inspirou os fundadores brancos dos colégios negros nos Estados Unidos, e que se traduziu na criação de uma classe de agricultores menos incompetentes e de servidores mais dóceis. (MILLET, 1970, p. 25)

Ainda assim, a educação inicial das mulheres era limitada, já que os serviços de uma esposa instruída eram úteis até certo ponto: a intenção era que as mulheres não fossem educadas o suficiente a ponto de conquistarem qualquer tipo de autonomia, preservando, assim, a submissão feminina diante dos homens. Como aponta Rousseau, na sua concepção de educação para mulheres:

Toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradar-lhes, ser-lhes útil, fazer-se respeitar e amar por eles, educá-los quando são jovens, cuidar deles quando são crescidos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida agradável: eis os deveres das mulheres em todas as épocas, e o que se deve ensinar-lhes desde a infância. (ROUSSEAU, 1906, p. 263)

Quando nos deparamos com a falta de mulheres em determinadas áreas acadêmicas, é essencial lembrar que o desenvolvimento do intelecto humano depende do grau de estimulação recebido. A escassez feminina em determinadas áreas profissionais não se deve à falta de inteligência, mas sim à falta de oportunidades e estímulos.

O argumento de que há muito poucas mulheres dentre os grandes cientistas, grandes artistas, até grandes cozinheiros, tenta provar que também em termos de inteligência a mulher é inferior ao homem. Os portadores e divulgadores desta ideologia esquecem-se de medir as oportunidades que foram oferecidas, ou melhor, negadas às mulheres. Ao se atribuir a elas a responsabilidade praticamente exclusiva pela prole e pela casa, já se lhes está, automaticamente, reduzindo as probabilidades de desenvolvimento de outras potencialidades de que são portadoras. (SAFFIOTI, 1987, p. 14)

A educação feminina sofreu um grande atraso, visto que, inicialmente, o objetivo era apenas que mulheres se preparassem para cuidar de seus maridos e filhos, perdendo a oportunidade de encontrar a autonomia, seja esta intelectual, financeira e até mesmo emocional, considerando que suas vidas consistiam apenas em servir outrem.

## **O GÊNERO NA INFÂNCIA**

É fundamental lembrar que as limitações de gênero que homens e mulheres sofrem diariamente têm base em sua socialização e educação que passa a consolidar-se a partir da terceira infância (seis aos doze anos de idade), durante a idade escolar. Este é um período onde se desenvolvem traços psicossociais e culturais, assim como é iniciado o primeiro contato com vivências intelectuais significativas e interessantes ao indivíduo – em ambos os âmbitos, a sociedade tem fraquejado na educação de meninas e mulheres.

É possível observar a discrepância educacional e estimulativa a partir do período sensorial da infância, onde brinquedos, roupas e outros pertences possuem grande influência dos papéis de gênero preestabelecidos. Para as meninas, essa influência é ainda maior – enquanto os brinquedos designados ao sexo masculino possuem enfoque em estímulos de genialidade, criatividade, raciocínio lógico e

competitividade, os brinquedos designados ao sexo feminino reforçam estímulos estéticos, maternos e domésticos.

O brinquedo é a atividade principal da criança, aquela em conexão com a qual ocorrem as mais significativas mudanças no desenvolvimento psíquico do sujeito e na qual se desenvolvem os processos psicológicos que preparam o caminho da transição da criança em direção a um novo e mais elevado nível de desenvolvimento. (LEONTIEV, 1998)

É necessário atentar-se para a urgência da quebra destes estereótipos que aprisionam crianças e limitam sua liberdade de expressão e desenvolvimento, resultando em jovens e adultos que são vítimas dessas amarras sociais. Um bom exemplo, que trata da questão ainda na infância, e a retrata de forma leve e compreensível para crianças é o livro *Faca sem ponta, galinha sem pé*, de Ruth Rocha, como vemos no seguinte trecho:

*“Pedro implicava com a irmã por ela querer fazer coisas de meninos tais quais jogar bola, subir em árvore; Joana implicava com o irmão por ele às vezes ter “atitudes femininas” como chorar por causa de um filme triste, ou ficar olhando-se no espelho. Os dois sofriam cobranças de atitudes correspondentes com seu sexo por parte de seus pais, como: “menina tem que ser delicada, boazinha...” ou “filho meu não foge! Volte pra lá agora e bata nele também. E vamos parar com essa choradeira! Homem não chora!”*

*Um dia, voltando da escola, passam por debaixo do arco-íris e mudam de sexo. E a situação se complica. Logo na esquina, Pedro, quer dizer, Pêdra, que agora era menina, deu o maior chute numa tampinha que estava no chão.*

*- Vamos parar com isso? – disse Joano – Menina não faz essas coisas.*

*- E eu sou menina?*

*- É, não é?*

*- Ah, mas eu não me sinto menina! Tenho vontade de chutar tampinha, de empinar papagaio, de pular sela...*

- Ué, eu também tinha vontade de fazer tudo isso e você dizia que menina não podia – reclamou Joano.

- Mas é que todo mundo diz isso – disse Pêdra – que menina não joga futebol, que lugar de mulher é dentro de casa...

- Pois é, agora aguenta! Não pode, não pode, não pode...

Pêdra descobre também as vantagens de ser menina, como poder demonstrar seus medos, seus choros, sua vontade de ver novela... Porém a implicância entre os irmãos está cada vez maior, sem compreender tantas proibições... Até que o arco-íris apareceu:

Joano e Pêdra deram-se as mãos. E correram, juntos, em direção ao arco-íris. E finalmente perceberam que alguma coisa, novamente, tinha acontecido. Então riram, se abraçaram e começaram a voltar para casa. Então Joana viu uma tampinha na calçada. Correu e chutou a tampinha para Pedro. Pedro devolveu e os dois foram jogando tampinha até em casa.”

A quebra de estereótipos de gênero consiste, pontualmente, em desconstruir a ideia de que existem atividades e habilidades pressupostas para meninos e meninas, como acontece na história de Ruth Rocha, que consegue, de maneira simples e clara, apontar que os desejos e interesses de crianças independem de seu sexo biológico.

## **O PAPEL DOS EDUCADORES NA CONSTRUÇÃO DE GÊNERO**

Visto que a socialização é responsável pela construção do que é internalizado como feminino e masculino, é fundamental refletir sobre o papel dos educadores quando se trata de questões de gênero em sala de aula. Os estímulos, incentivos e repreensões sofridas no ambiente escolar exercem papel importante no que os educandos absorvem para criar sua noção pessoal de gênero, assim como seus interesses e preferências.

O objetivo seria criar um ambiente libertador, onde meninos e meninas seriam capazes de evoluir irrestritamente, aprendendo e desenvolvendo suas habilidades e interesses sem pré-julgamentos. Uma fase tão determinante e repleta de

descobertas, como é a infância, não deveria ser tão restritiva e fundada sob moldes que não respeitam a individualidade de cada ser humano.

A sociedade na qual estamos inseridos e o sistema de gênero por ela imposto atingem homens e mulheres de todas as idades, e por isso o tema deve ser discutido amplamente. O momento mais proveitoso para abordar esse tema seria, de fato, nas primeiras infâncias, já que a maior parte do caráter e da personalidade é consolidada até a terceira infância. Ao tratar do assunto após essa idade, é relevante que o foco seja desconstruir os estereótipos de gênero já absorvidos.

A representatividade é uma necessidade, agindo como auxiliar na educação livre de papéis preestabelecidos. Crianças e jovens precisam encontrar e se identificar com o seu universo e personalidades que fazem parte dele, para criar conexões pessoais e darem início a um esboço no que diz respeito a aspirações, ambições e objetivos.

Portanto, também é papel do educador contribuir para que os educandos tenham contato com materiais representativos, assim como, no período escolar, vivenciem um ambiente livre de julgamentos, com atividades diversificadas, que valorizem a individualidade do aluno, incentivando processos criativos e de autodescoberta, sem restrições socioculturais.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANTUNES, Celso. Educação infantil: prioridade imprescindível. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

ROCHA, Ruth. Faca Sem Ponta, Galinha Sem Pé. São Paulo: Salamandra, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth. O Poder do Macho. São Paulo: Moderna, 2001.

MILLET, Kate. Política Sexual. Lisboa: Dom Quixote, 1969.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. L'Émile or A Treatise on Education, editado por W. H. Payne. (Nova Iorque e Londres, 1906), p. 263. In: MILLET, Kate. Política Sexual. Lisboa: Dom Quixote, 1969.

LEONTIEV, A.N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VYGOTSKY, L.S. et al. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 1998. In: PEDROSO, Crislaine de Andrade; BARRETO, Jaqueline Muniz;

MALAQUIAS, Joseli de Souza Santos; PINTO, Luciana de Miranda. Papel do Brinquedo no Desenvolvimento Infantil. Disponível em: <http://scelisul.com.br/cursos/graduacao/PD/artigo2.pdf>. Acesso em: 24 Maio 2017.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally W.; FELDMAN, Ruth D. Desenvolvimento Humano. 8ª edição. São Paulo: Artmed, 2006. p. 402.